

POLIANNA PRESENTE!

No último final de semana de março de 2021 recebemos a triste notícia de que Polianna Macedo Lima havia nos deixado subitamente. Para nós do Neanf/UFF, bem como para colegas e amigos próximos, sua partida soou como inacreditável, o que prova que, mesmo neste contexto pandêmico em que a morte teima em nos lembrar de sua existência, no fundo, nunca estamos preparados para encará-la. Polianna sempre foi uma jovem tímida e discreta, características que eram marcas de sua personalidade em sala de aula e mesmo após seu ingresso no Neanf, onde pôde realizar sua pesquisa de Iniciação Científica, estudando os impactos contemporâneos das intervenções do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, o extinto DNOS, na pesca artesanal historicamente realizada na Lagoa Feia do Itabapoana, no município de São Francisco, norte do Estado do Rio de Janeiro.

A escolha pelo objeto se deu em razão de dois fatores, que também dizem muito sobre Polianna: os principais interlocutores de sua pesquisa foram seu avô, seu tio e uma amiga próxima de sua família, todos envolvidos biograficamente com a pesca artesanal na localidade de Lagoa Feia e, certamente, a insegurança que é peculiar à juventude, a fizeram aderir ao tema de pesquisa já consolidado por outras jovens pesquisadoras que, assim como ela, deram seus primeiros passos profissionais no âmbito do Neanf. Como o leitor poderá conferir nas páginas que seguem, Polianna, de modo simples, mas bastante determinado e original, escreveu com muito esforço, durante a pandemia no ano de 2020, o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Pesca Artesanal na Lagoa Feia do Itabapoana (RJ): percepções sobre impactos ambientais em uma atividade extrativista tradicional”, defendida no dia quatorze de dezembro de 2020. O texto foi escrito no formato de Artigo Científico, de acordo com as normas vigentes elaboradas pelo Colegiado de Ciências Sociais do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes. A defesa pública do trabalho, realizada em ambiente virtual, tal como determinado pela Universidade durante o período de suspensão das atividades presenciais, contou com as brilhantes arguições da Profa. Gláucia Mouzinho e do Prof. Rodrigo Monteiro, ambos do Departamento de Ciências Sociais da UFF-Campos.

A passagem de Polianna entre nós foi breve. Mas foi tempo suficiente para nossa querida estudante e colega conseguir se engajar em sua formação profissional numa instituição de ensino superior federal, o que, em si, já é motivo de orgulho para seus

familiares e amigos, o que também a permitiu participar, na qualidade de pesquisadora, como expositora de fragmentos de seu trabalho em eventos acadêmicos como os VI e VII Seminários Internacionais do INCT-InEAC/UFF realizados em Niterói, em 2018 e 2019; o Congresso Fluminense de Iniciação Científica e Tecnológica, o Confict, na Uenf em 2019 e; a 32ª Reunião Brasileira de Antropologia organizada na UERJ, em 2020, e realizada em formato on-line, na qual apresentou em coautoria com a cientista social Jéssika Rodrigues de Paula, o trabalho “Pesca Artesanal no Norte Fluminense: etnografia, história e papel da mulher na pesca artesanal”, no Grupo de Trabalho “Antropologia dos Povos Tradicionais Costeiros: Práticas Sociais, Territórios e Conflitos”.

A publicação *in memoriam* do artigo “Pesca Artesanal na Lagoa Feia do Itabapoana (RJ): percepções sobre impactos ambientais em uma atividade extrativista tradicional”, de autoria de Polianna Macedo Lima, é uma iniciativa dos pesquisadores e pesquisadoras do Núcleo de Estudos Antropológicos do Norte Fluminense em consórcio com a equipe editorial da prestigiosa Revista Discente Planície Científica. Esperamos que a leitura e circulação deste texto seja uma singela homenagem aos familiares, amigos, colegas e professores de Polianna que ainda continuam mobilizados por sua partida, mas, sem dúvida, orgulhosos do caminho que esta jovem Cientista Social trilhou entre nós. Polianna Presente!

Com afeto e saudade,

PESQUISADORES E PESQUISADORAS DO NÚCLEO DE ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS DO NORTE FLUMINENSE – NEANF/UFF.

**A PESCA ARTESANAL NA LAGOA FEIA DO ITABAPOANA (RJ): PERCEPÇÕES
SOBRE IMPACTOS AMBIENTAIS EM UMA ATIVIDADE EXTRATIVISTA
TRADICIONAL**

THE ARTISANAL FISHING IN LAGOA FEIA DO ITABAPOANA (RJ): PERCEPTIONS
ABOUT ENVIRONMENTAL IMPACTS IN A TRADITIONAL EXTRACTIVE ACTIVITY

PESCA ARTESANAL EN LAGOA FEIA DO ITABAPOANA (RJ): PERCEPCIONES
SOBRE IMPACTOS AMBIENTALES EN UNA ACTIVIDAD EXTRACTIVA
TRADICIONAL

Polianna Macedo Lima¹

Orientador: José Colaço Dias Neto²

Resumo: Este artigo busca identificar os impactos das ações do extinto Departamento Nacional de Obras e Saneamento, o DNOS na pesca artesanal de águas interiores, mais especificamente, no norte do estado do Rio de Janeiro, realizadas entre as décadas de 1960 e 70. Assim, o trabalho tenta refletir sobre os impactos destas obras no ecossistema da Lagoa Feia do Itabapoana nos tempos de hoje, no que diz respeito à atividade pesqueira artesanal, de acordo com os pontos de vista de pescadores da localidade homônima.

Palavras-chave: Lagoa Feia do Itabapoana; Pesca Artesanal; Meio Ambiente

Abstract: This article seeks to identify the impacts of the sanitary works of the National Department of Works and Sanitation, DNOS, on artisanal fishing at inland waters specifically in the north of the Rio de Janeiro state, between the 1960s and 70s. Thus, the research try to consider the work's impacts in the ecosystem of Lagoa Feia do Itabapoana nowadays, with regard to artisanal fishing, according to the local artisanal fishermen point of view.

Keywords: Lagoa Feia do Itabapoana; Artisanal Fishing; Environment

Resumen: Este artículo busca identificar los impactos de las acciones del extinto Departamento Nacional de Obras y Saneamiento, el DNOS, sobre la pesca artesanal en aguas continentales, más específicamente, en el norte del estado de Río de Janeiro, realizadas entre los años 1960 y 70s. El trabajo intenta reflexionar sobre los impactos de estos trabajos en el ecosistema de Lagoa Feia do Itabapoana en la actualidad, en lo que respecta a la actividad pesquera artesanal, según los puntos de vista de los pescadores de la localidad homónima.

Palabras clave: Lagoa Feia do Itabapoana; Pesca artesanal; Medio ambiente

1 Graduada em Ciências Sociais no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes. E-mail: <poliannalima96@gmail.com>.

2 Professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes. E-mail: <josecolaco@id.uff.br>.

INTRODUÇÃO: OS ANTECEDENTES DA PESQUISA E A CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO DE ESTUDOS

Derivado de um empreendimento de pesquisa coletivo no âmbito do Núcleo de Estudos Antropológicos do Norte Fluminense Luiz de Castro Faria, coordenado pelo Prof. José Colaço na Universidade Federal Fluminense, este trabalho tem por objetivo apresentar uma breve reflexão contemporânea sobre as percepções que um grupo de pescadores da Lagoa Feia do Itabapoana, localizada no município de São Francisco do Itabapoana, costa norte do Estado do Rio de Janeiro, possuem sobre os impactos das conhecidas obras do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, o extinto DNOS, no ambiente e na atividade pesqueira nos dias atuais.

Para tanto, como se trata de um trabalho antropológico ao mesmo tempo em que é produto de socialização acadêmica e profissional praticada na graduação em Ciências Sociais, nada mais adequado do que expor ao leitor os primórdios da pesquisa e os caminhos seguidos até a construção do objeto de estudos. O texto será apresentado em primeira pessoa do singular, pois como apontado pela tradição e estilo de pesquisa antropológica, a ideia aqui é, também, relatar a experiência vivida pela autora através de sua própria trajetória com o tema.³

A minha relação com a pesca artesanal antecede meu ingresso no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes no segundo semestre de 2016. Sou neta e sobrinha de pescadores. Nasci em Travessão de Barra, distrito de São Francisco do Itabapoana. Nas gerações mais antigas de minha família, minha mãe e meus tios desde novos tiveram algum contato com a pesca na Lagoa Feia do Itabapoana localizada em frente à casa dos meus avós, porém por oportunidades ou vocação apenas meu tio Luiz Fernando, cujo apelido “de rua” é Murilo, seguiu o ofício com meu avô.

Lembro-me de quando era mais nova sempre frequentei a casa dos meus avós, na localidade que carrega o mesmo nome da Lagoa, e encontrava um “rio” – que era como eu classificava aquela porção de água – em diversas situações diferentes: muito cheio ou muito vazio e tenho também lembranças de quando meu avô e meu tio saíam para pescar levando dias fora de casa. Sempre me questionei do por que se não pescar no “rio” que era em frente à casa do meu avô. Por que tinham necessidade dele ir para outros locais? À época era apenas uma curiosidade que pairava em minha cabeça, como uma questão sem muita relevância e ainda a resposta que ouvia era quase sempre a mesma: “porque ali não tinha peixe”. Para

3 GEERTZ: 2003; MARCUS & CLIFFORD: 2016.

minha surpresa, descobri, anos depois, ao longo do trabalho de campo que meus familiares sempre chamaram a Lagoa Feia do Itabapoana de “rio” também.

No ano de 2016, ingressei no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da UFF em Campos dos Goytacazes, no semestre letivo de 2016.2 para cursar o bacharelado em Ciências Sociais. Uma das minhas maiores preocupações – comum a maioria dos jovens estudantes com os quais convivi – era “qual seria meu objeto de estudo no decorrer do curso?” Eu cursei diversas disciplinas optativas, frequentei alguns grupos de estudos, mas até mais ou menos a metade de minha graduação eu ainda parecia longe de me animar com alguma temática ou pesquisa dentro das Ciências Sociais.

Já tinham se passado aproximadamente dois anos de faculdade e eu ainda não tinha “encontrado” o meu objeto de estudo. Um certo fim de semana, fui à casa de meu avô para fazer uma visita e percebi que muitas coisas haviam mudado se comparadas às minhas memórias infantis: ele havia aberto um bar, mas a questão das cheias e secas constantes na região interferiam objetivamente no andamento do estabelecimento. A relação com esta sazonalidade do ambiente e, em especial, o regime hídrico, começaram pela primeira vez a me chamar a atenção. A partir daí, pensei que, “meu objeto estivesse na minha frente”, dentro mesmo do ofício da geração mais velha da minha família: a pesca artesanal e sua relação com as condições ambientais da região da Lagoa Feia do Itabapoana.

Na semana seguinte a esta visita, após falar com alguns amigos da faculdade, relembremos os interesses de pesquisa do Professor José Colaço que lecionou para minha turma, no início da graduação, a disciplina “Antropologia I”. Em suas aulas ele sempre falava muito de pesca artesanal na região de Campos, do seu livro e de seus trabalhos sempre chamando a atenção sobre como, a partir desta temática, aos poucos, foi consolidando sua carreira como pesquisador e antropólogo. Assim, comecei a pensar que talvez fosse possível associar estas memórias de infância à temática da pesca artesanal tomada em uma perspectiva antropológica.

Mesmo sem conhecimento prévio sobre a literatura acadêmica ocupada com a pesca artesanal, eu procurei o professor José Colaço e relatei meu interesse pelos estudos neste âmbito argumentando que vinha de uma família de pescadores artesanais do município de São Francisco do Itabapoana. O professor então, como faz com os estudantes que o procuram para conversar sobre orientação de pesquisa, recomendou que eu participasse de uma reunião do grupo de pesquisa que coordena, o Núcleo de Estudos Antropológicos do Norte Fluminense Luiz de Castro Faria, o NEANF, que é realizada de quinze em quinze dias na sala F206 do

Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da UFF. Nas reuniões, o professor Colaço realiza orientações coletivas, pois na dinâmica do Núcleo, cada estudante desenvolve sua própria pesquisa de Iniciação Científica, todas derivadas do Projeto *Estruturas Tradicionais, Expansão Metropolitana e Conflitos Sociais na Região Costeira do Norte Fluminense*⁴.

Em minha primeira participação em uma reunião do Núcleo, fui muito bem recebida tanto pelo Prof. José Colaço como pelos seus orientandos e orientandas cujo alguns deles eu já conhecia por ter cursado disciplinas em conjunto. Eu me apresentei para o grupo e falei de meu interesse em estudar a temática da pesca artesanal em São Francisco do Itabapoana, uma vez que eu vinha de família de pescadores da região. Na ocasião, o professor recomendou que lesse a monografia “Pesca Artesanal em Família: um relato etnográfico sobre o ofício pesqueiro em São Francisco do Itabapoana”, escrita pela Cientista Social Graziéli de Oliveira Soares, que havia trabalhado sobre sua orientação e realizou uma etnografia de sua própria família, no distrito de Gargaú com a pesca artesanal e a apanha de caranguejos. O trabalho de Graziéli Soares foi minha primeira referência sobre o assunto e, em 2019, foi publicado como capítulo homônimo na coletânea “Pesca Artesanal no Norte Fluminense: estudos de caso sobre meio ambiente, conflito e resistência de um modo de vida”⁵.

Desse modo, frequentei as reuniões do NEANF, com frequência, desde o início do semestre no letivo de 2018.1 Aos poucos fui me familiarizando com as pesquisas de caráter etnográfico que tinham sido realizadas por pesquisadoras associadas ao Núcleo e orientadas pelo Prof. José Colaço sobre diferentes povoados pesqueiros da região norte-fluminense que colocam em evidência a vida social das famílias de pescadores artesanais, seus conhecimentos sobre o ambiente e as tensões e conflitos aos quais estão submetidos na manutenção de seus modos de vida associados às atividades de captura.

Apresentando o pouco que conhecia da realidade da Lagoa Feia do Itabapoana durante as reuniões, o professor me fez a proposta de trabalhar sobre intervenções do DNOS – Departamento Nacional de Obras e Saneamento – autarquia federal extinta no ano de 1989, mas que entre os anos de 1940 e 1980 atuou de modo massivo no estado do Rio de Janeiro e, em especial, na região norte fluminense, tal como já amplamente estudado por autores de diversas áreas do conhecimento, entre o quais, pode-se destacar Marco Antonio da Silva

4 “Estruturas Tradicionais, Expansão Metropolitana e Conflitos Sociais na Região Costeira do Norte Fluminense” é o subprojeto de pesquisa a partir do qual o NEANF associa-se com o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC/UFF) com sede em Niterói.

5 (COLAÇO: 2019).

Mello e Arno Vogel, Artur Soffiati e Carlos Valpassos⁶. Assim como na Lagoa Feia “de Campos”, cujo ecossistema foi palco das pesquisas etnográficas do prof. Colaço⁷, a região da Lagoa Feia do Itabapoana também foi alvo das obras do DNOS e seus impactos de suas intervenções são sentidos até hoje na localidade de minha família.

A sigla “DNOS” era desconhecida para mim até aquele momento, mas com os textos indicados durante as orientações pude ir me aprofundando e entender melhor o tema do Sanitarismo no Brasil e os impactos de suas grandes obras no chamado meio ambiente natural. Me surpreendi, por exemplo, ao saber que a própria Lagoa Feia, local de residência de minha família, já aparecia em estudos que refletiam sobre a atuação do órgão na região norte fluminense⁸. Em linhas gerais, o DNOS atuava drenando as porções alagadiças na região, para secar pastos encharcados periodicamente pelas enchentes, retificando cursos de rios e construindo redes de canais para disciplinar o regime das águas. Dessa forma, além de promover uma domesticação e controle do meio natural, na perspectiva de gestores e engenheiros do órgão, previa-se, também, a possibilidade de maior desenvolvimento para região uma vez que as terras estariam liberadas da água e prontas para uma sorte de atividades econômicas inviabilizadas pela condição do meio. Associados a estes objetivos estava, também, a erradicação de doenças tropicais, uma vez que com o meio mais seco, os mosquitos, seus vetores principais, não encontrariam condições ambientais para sua reprodução.

Assim, num primeiro momento da pesquisa, me apropriei desta discussão teórica e historiográfica sobre a atuação do DNOS na região. Aos poucos, fui me aproximando mais ainda da temática, a partir de conversas e pequenas entrevistas que realizei com familiares na Lagoa Feia do Itabapoana ao longo de minha graduação. O exercício, que ao qual o leitor será apresentado mais à frente neste artigo, foi perguntar para um grupo de familiar mais próximo, o quê, do ponto de vista deles, mudou na atividade pesqueira artesanal de algumas décadas cá, considerando, sobretudo, os impactos das obras do órgão no que diz respeito o regime hídrico, à incidência ou desaparecimento de espécies aquáticas, às transformações nas técnicas e modalidades de pesca entre outros assuntos. Estava, finalmente, se desenhando um objeto de pesquisa.

É importante ressaltar que tal objeto apenas pôde ser construído por conta da socialização acadêmica e profissional a qual fui submetida por me integrar durante a

6 (MELLO & VOGEL: 2017; SOFFIATI: 2004; VALPASSOS & VOGEL: 2015).

7 (COLAÇO: 2015).

8 (SOFFIATI: 1985, 2004 e 2013).

graduação em Ciências Sociais, a um núcleo de pesquisa no qual um grupo de colegas, também em formação, desenvolviam seus projetos incentivados a realizarem trabalho de campo qualitativo e, dependendo da pesquisa, de natureza etnográfica. Ter podido compartilhar com o grupo, minhas inseguranças e ansiedades na condução da pesquisa, ouvir relatos de outras experiências de campo foi fundamental para realização e finalização deste trabalho.

Além das reuniões e encontros NEANF, incentivada pelo meu orientador, participei de alguns eventos acadêmicos o que, sem dúvida, agregou informações e experiências fundamentais para minha formação na UFF. Destaco aqui, por exemplo, a participação no VI Seminário INCT-InEAC: Processos de Administração de Conflitos, Universidade Pública e Conjuntura Política, que foi realizado no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICFH/UFF), em Niterói durante o mês de novembro de 2018. Já no ano de 2019, na qualidade de expositora da pesquisa, participei do XI Congresso Fluminense de Iniciação Científica e Tecnológica, o CONFICT, realizado na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, no mês de junho. Na ocasião, em coautoria com a também estudante de Ciências Sociais, à época, Jéssika Rodrigues de Paula, apresentei o trabalho *Pesca Artesanal no Norte Fluminense: etnografia, história e mulheres na atividade pesqueira*. No mesmo ano, no mês de novembro, foi a vez do VII Seminário Internacional do INCT-INEAC – “Segurança Pública, Conflitos e Tecnologias Sociais e Eleitorais”, como no ano anterior, também realizado em Niterói, no qual apresentei em parceria com o Prof. José Colaço, o trabalho intitulado *O “estado das artes”: um quadro sinóptico das pesquisas sobre a pesca artesanal desenvolvidas no Núcleo de Estudos Antropológicos do Norte Fluminense*, no Grupo de Trabalho Grupo de “Trabalho Direitos, Mercados e Mobilizações Coletivas”.

Ainda no ano de 2019, no mês de maio, mais precisamente, estive na equipe que organizou o lançamento do livro *Pesca Artesanal no Norte Fluminense: estudos de caso sobre meio ambiente, conflito e resistência de um modo de vida*, coordenado pelo Prof. José Colaço e que reuniu as primeiras pesquisas sobre a pesca artesanal na região norte fluminense desde a refundação do NEANF em 2015 na Universidade Federal Fluminense em Campos. O evento contou com a participação dos autores de capítulos do livro, entre eles, o Prof. Artur Soffiati. O público presente no auditório do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional assistiu a uma Mesa Redonda com os autores e autoras que falaram sobre seus trabalhos.

Já em 2020, o mundo atravessa atônito pela pandemia do Novo Coronavírus e os deslocamentos até São Francisco não puderam ser realizados. Esta nova e difícil realidade, junto com a suspensão parcial das aulas e, em seguida, o retorno das mesmas no formato *on line* foram muito desestimulantes para mim e para outros colegas. Mesmo assim, desde os primeiros meses da pandemia, as reuniões do NEANF continuaram remotamente e pela primeira vez foi possível integrar, no mesmo espaço de interlocução, estudantes da graduação do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da UFF em Campos com os alunos do mestrado em Justiça e Segurança do Instituto de Estudos em Administração de Conflitos, o IEAC, em Niterói. O contato entre os estudantes tem sido animador e estimulante para todos. No meio do ano de 2020, participamos do Edital do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da PROPPI/UFF e o projeto *A Pesca Artesanal na Lagoa Feia do Itabapoana (RJ): uma etnografia sobre impactos ambientais em uma atividade extrativista tradicional* foi contemplado com uma bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq, condição esta que me deu mais ânimo e tranquilidade para atravessar este momento difícil de pandemia, final de graduação e escrita da monografia.

Descrevendo aqui, de modo sintético, os antecedentes da pesquisa e o modo pelo qual fui, aos poucos, construindo meu interesse de estudo, me dou conta que um objeto de pesquisa não “cai do céu” e que a socialização profissional é algo que acontece através de nosso envolvimento em diversas atividades fora da sala de aula. Na escrita, com o objetivo de elaborar este Trabalho de Conclusão de Curso no formato aqui apresentado, talvez tenha experimentado aquilo que Roberto Cardoso chamou a atenção no conhecido texto *O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir. Escrever*. Não apenas na realização do trabalho de campo, propriamente dito, mas ao longo de toda minha formação no bacharelado em Ciências Sociais e, sobretudo, após meu ingresso no NEANF/UFF, núcleo de pesquisa no qual a etnografia e o trabalho de campo são extremamente incentivados. Como Cardoso de Oliveira nos lembra, trata-se de um exercício de construir um olhar, “disciplinado pela disciplina” – neste caso, a Antropologia – que vai ganhando contornos na medida em que avançamos e que nos lançamos nesta “aventura” que é a formação profissional e o trabalho de campo.

Em seguida será apresentada a problemática do Saneamento e alguns dados sobre as obras do DNOS na região norte fluminense e na Lagoa Feia do Itabapoana. O objetivo aqui é entender, do ponto de vista dos interlocutores da pesquisa, como eles percebem os principais impactos dessas intervenções, realizadas há décadas, na pesca artesanal nos dias de hoje.

Para tanto, é importante sinalizar para o leitor, brevemente, em quais condições o trabalho de campo foi realizado. Em decorrência das dificuldades de deslocamento para o campo – considerando que eu residio em Campos e a pesquisa de campo foi realizada em uma localidade do município de São Francisco, estive em campo menos vezes do que gostaria e bem menos do que o recomendado pelo meu orientador. As maiores dificuldades ocorreram pelo constante fluxo de atividades e tarefas do bacharelado em Ciências Sociais que, muitas das vezes, se associaram aos impedimentos relativos à minha própria saúde. As poucas idas para a Lagoa Feia se somaram às implicações que a pandemia do Novo Coronavírus trouxe para a vida social. No meu caso, a pandemia limita mais ainda meus deslocamentos no ano de 2020, justamente período no qual estavam programadas mais idas para o campo. Assim, a parte qualitativa das entrevistas que o leitor será apresentado neste artigo, foram realizadas apenas nos últimos meses da pesquisa, mesmo durante a pandemia e contou com três interlocutores principais que são, ao mesmo tempo, personagens do trabalho e membros de minha família: meu avô Paulo, meu tio Murilo e Dona Lúcia, uma amiga próxima de meu núcleo parental.

O DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS E SANEAMENTO E O NORTE FLUMINENSE: AS “DUAS” LAGOAS FEIAS

Como sabemos, as revoluções científicas, a consolidação da chamada sociedade industrial de produção e consumo há pelo menos três séculos estabeleceu uma relação historicamente complexa entre os grupos humanos e o ambiente. Parece que nem mesmo a “Questão Ambiental”, tomada pela primeira vez em uma perspectiva global na década de 1970, originada, pela crise das matrizes energéticas, tem sido capaz de transformar profundamente e prática a relação “homem/natureza”⁹.

Obras infra estruturais têm sido empreendidas, desde o início do século XX, nos mais diversos contextos nacionais, com objetivos de melhorar a qualidade de vida das pessoas e, conseqüentemente, a economia do país. Tais intervenções, especialmente as de inspiração sanitaria e higienista, foram levadas adiante balizadas a partir de princípios muito mais econômicos do que ecológicos.

No caso brasileiro, em 5 de julho de 1933, através de uma Portaria publicada pelo Ministério de Viação e Obras Públicas, foi criada a Comissão de Saneamento da Baixada Fluminense, a institucionalizar as diretrizes para um estado interventor que tinha como

9 (FERREIRA: 2011).

prerrogativa a ação direta, baseada na Engenharia Politécnica, de promover melhorias estruturais nas condições ambientais, naquele momento, voltada apenas para o Rio de Janeiro.

Alguns anos depois, devido ao relativo sucesso de sua empreitada, em 1940, a Comissão foi promovida ao *status* de autarquia federal, chamando-se, a partir daí, de Departamento Nacional de Obras e Saneamento – DNOS –, com atuação ampliada para todo território nacional. As intervenções, muitas das quais amplamente estudadas, tinham como objetivo principal corrigir as imperfeições da natureza, operando nas localidades e regiões onde esta se mostrava mais hostil à ocupação humana, para, a livrar parte da sociedade brasileira das doenças tropicais, bem como das impossibilidades de desenvolvimento econômico e social associadas ao meio ambiente natural.

A região norte fluminense, sobretudo no que diz respeito à sua baixada litorânea, foi eleita como prioritária para as ações do DNOS, sobretudo, durante as primeiras décadas do governo desenvolvimentista que se instalara no Brasil, após os anos de 1930. Uma região com características hídricas bastante singulares na região sudeste, possuidora de um dos maiores aquíferos subterrâneos do Brasil, marcada por grandes porções de planícies alagadas, charcos, rios, lagoas e estuários. Uma natureza assim foi facilmente identificada como potencial produtora de doenças tropicais transmitidas através de mosquitos e outros vetores, uma vez que estes seres encontrariam neste ambiente úmido e encharcado, lugar perfeito para sua vida e reprodução. A erradicação das doenças e, por consequência, a melhoria da saúde coletiva da região seria, por si só, um justificado objetivo para a drenagem dos charcos e alagados, retificação de leitos de rios, construção de canais submersos para disciplinar o regime das águas. Mas, além disso, as obras que, em sua maioria, visavam a secagem destas porções úmidas, também estavam associadas a outro projeto: disciplinar e corrigir a “natureza” de modo a recuperar essas terras consideradas improdutivas para o estabelecimento de atividades econômicas como pecuária extensiva e monocultura de certos gêneros alimentícios, dentre os quais a cana de açúcar, viabilizada historicamente na região pelas características de seu solo e pelos incentivos do poder público desde os tempos mais remotos.

Assim, o saneamento se tornou, no Brasil, uma das maiores políticas públicas em curso no século XX e o DNOS seu grande órgão executor. Assim:

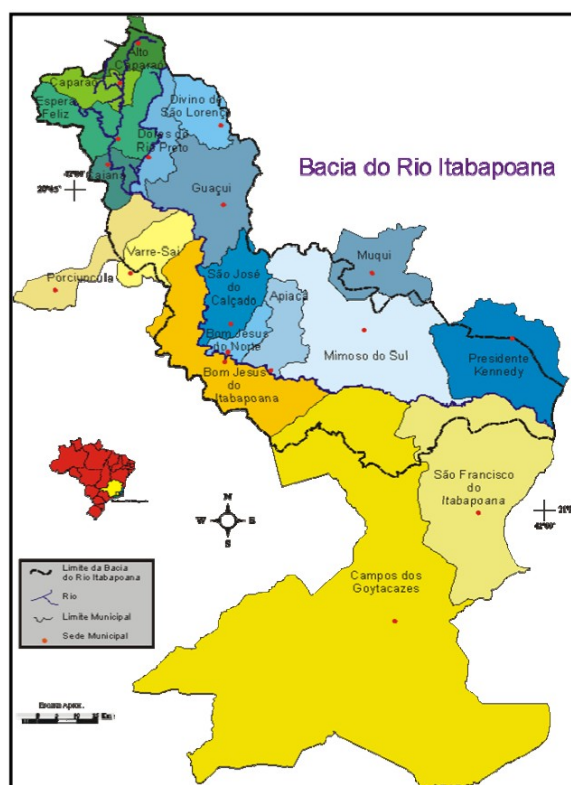
“A ideologia do saneamento consolidou-se apenas com a instauração da República Nova, na década de 1930. No governo de Getúlio Vargas, as

propostas do saneamento obtiveram ampla legitimação e serviram de base a uma das principais políticas públicas do Estado Novo¹⁰.

Conforme já mencionado, a baixada litorânea da região norte fluminense foi escolhida como um grande palco para as intervenções do órgão, devido às suas características naturais. Dessa forma, obras de grande porte foram empreendidas, com seus desdobramentos e consequências, na Lagoa Feia de Itabapoana, localizada no município de São Francisco.

A LAGOA FEIA DO ITABAPOANA

A Lagoa Feia, que recebe o mesmo nome da lagoa instalada entre os municípios de Campos dos Goytacazes e Quissamã, localiza-se na bacia hidrográfica do rio Itabapoana, no norte do estado do Rio de Janeiro. O rio Itabapoana tem 264 km de extensão e sua nascente está na Serra de Caparaó em Minas Gerais, mudando seu nome para Itabapoana a partir da confluência com o rio Verde.



Fonte: Projeto Managé.

Fig.1 – Delimitação da bacia do Itabapoana do nascimento à foz.

10 (MELLO & VOGEL: 2017, 87 Apud: VALPASSOS & COLAÇO: 2006, 101).

Imagem 01¹¹

Apesar de o início de sua atuação na região norte fluminense remontar aos anos de 1940, somente a partir da década de 60 que o DNOS realizou suas na Lagoa Feia do Itabapoana, mais precisamente entre os anos de 1962 e 1971. O objetivo central das obras empreendidas na localidade foi a drenagem da água acumulada devido a baixa de inundação. Essa ação promoveu a utilização dessas novas áreas secas para viabilizar a agropecuária nesta porção do município. Até o desenvolvimento das obras do DNOS, a maior parte dos moradores locais eram pescadores artesanais. E os pescadores que ali residiam tinham acesso à Lagoa Feia de Itabapoana que se tratava, por sua vez, de uma grande extensão de área alagada de várzeas e brejais, da margem direita do rio Itabapoana, que marcada por uma biodiversidade de espécies de animais aquáticas e terrestres¹².



Fonte: Imagem obtida do googleearth.exe no ano de 2005.

Fig.3- Visão do baixo curso do Itabapoana, com destaque para a área circunscrita em azul, onde se situa a área de estudo.

Imagem 02¹³

Muitas obras de infraestrutura, devido ao seu porte, são divididas em etapas. Desta forma, a obra em Lagoa Feia de Itabapoana também seguiu essa lógica: uma drenagem, que permitiu a abertura de um canal, e os cortes entre os meandros que reduziu a trajetória do rio

11 Imagem retirada de BORGES: 2008,12.

12 SOFFIATI: 2019.

13 Imagem retirada de BORGES: 2008,16.

Itabapoana, assim, o escoamento foi acelerado impedindo que áreas ficassem alagadas. A extinção das várzeas comprometeu a vida animal, conseqüentemente, a pesca artesanal ali realizada pela população ribeirinha foi prejudicada. Este desdobramento da obra também trouxe prejuízos para os proprietários rurais menores, donos de roças e pequenas plantações. Assim, para corroborar com a afirmativa temos:

Durante muito tempo, a estratégia da engenharia fluvial e hidráulica esteve orientada no sentido de retificar o leito dos rios e córregos, para que suas vazões fossem dirigidas para jusante pelo caminho mais curto e com a maior velocidade de escoamento possível. Os objetivos principais visavam ganhar novas terras para a agricultura, novas áreas para a urbanização e minimizar os efeitos locais das cheias¹⁴.

A Lagoa Feia, cuja diversidade das espécies e sua piscosidade eram também, a principal fonte de economia local, foi diretamente prejudicada com as intervenções realizadas pelo DNOS. As obras foram iniciadas sem nenhuma consulta ou interlocução com os pescadores e moradores locais de baixa renda. Sem informações concretas no que dizia respeito aos objetivos do DNOS para aquele local, os pescadores e moradores apenas puderam entender as conseqüências da intervenção anos após sua conclusão. O próprio Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, o IBAMA, após sua criação em 1989 – mesmo ano em que o DNOS foi extinto – se tornou um dos mais severos críticos aos impactos ambientais e ecossistêmicos de suas obras, uma vez, como já foi mencionado, que o grande objetivo do DNOS era recuperar áreas alagadas ou encharcadas com vistas a promover o desenvolvimento econômico social, bem como a saúde pública. Ou seja, a questão ambiental não era uma preocupação do órgão, entre várias razões, talvez pelo fato de, conforme mencionado, a “agenda” ambiental internacional tenha começado a se consolidar durante os anos de 1970 e, na América Latina, especialmente, somente após o final dos anos 80 e início da década de 1990.

Com as transformações do Rio Itabapoana por conta das obras, tal como o estreitamento de seus braços d’água a fim de obter velocidade no escoamento e limitar a formação de áreas alagadas em suas margens, atualmente, existem áreas que há décadas atrás eram de Lagoa e que agora são pasto ou mato. As conseqüências para o exercício da pesca artesanal foram nefastas, impactando no modo de vida e na capacidade econômica do

povoado de Lagoa Feia, uma vez que para a maioria das famílias o sustento vinha quase todo da pesca ali estabelecida.

Sobre o conjunto de intervenções realizadas pelo DNOS no Rio Itabapoana, em especial no que diz respeito à Lagoa Feia, o maior impacto talvez tenha sido a construção do Canal de Todos os Santos. Analisada e interpretada pelo historiador Aristides Soffiati, as transformações ecossistêmicas da construção do Canal podem ser descritas assim:

No baixo curso do rio Itabapoana, a grande área de várzeas, alagada no passado, estende-se em ambas as margens do curso d'água com o nome de Lagoa Feia do Itabapoana. Para drená-la, o DNOS abriu o canal de Todos os Santos no centro da Lagoa Feia. Brejos menores foram drenados pelo Canal de Deserto Feliz, afluente do canal maior (...). Os cortes entre meandros para facilitar o fluxo das águas no rio Itabapoana foram protegidos lateralmente por diques com o fim de conter o transbordamento e o alagamento das áreas drenadas. Nestas, foram implantadas pastagens, cercas divisórias de domínios, currais, canais e comportas para adução de água e casas de administração. Tais marcas ficaram a indicar um uso bem diferente daquele do tempo em que a grande depressão continha a água permanente, seja em nível baixo ou elevado. Naquela época, o pantanal sustentava uma próspera atividade pesqueira, a julgar pelo depoimento dos pescadores que continuaram morando no povoado de Lagoa Feia¹⁵.

Soffiati, no mesmo trabalho, recorre à interlocução de um pescador local, no sentido de ilustrar o que, do ponto de vista de um membro da localidade de Lagoa Feia, seria este ecossistema antes dos impactos das intervenções supracitadas:

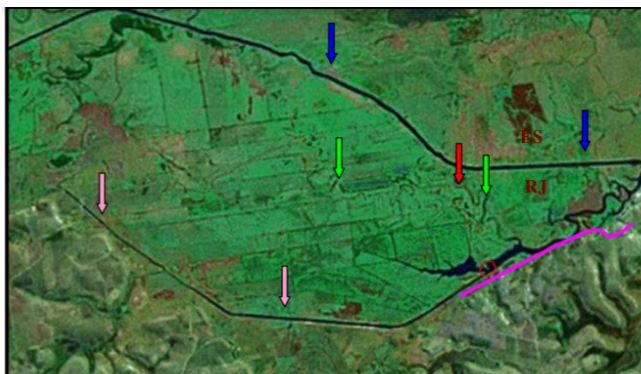
Geneci Buenas, 83 anos de vida, foi um informante privilegiado, pois nasceu na localidade de Lagoa Feia e lá residiu até a morte. Ele falava de um sistema hídrico vigoroso que ficava numa depressão entre o rio Itabapoana e os morros das margens. A fauna de peixes era farta e diversificada, como curimatã, piau, sairu, traíra, jundiá, piaba e morobá, entre outros. Havia também jacarés, capivaras e lontras. Nas matas das colinas de tabuleiro, hoje removidas, deixando o solo exposto à forte erosão, habitavam preás, lagartos e tatus¹⁶.

Segundo Geneci, tal como descrito por Soffiati, *“o que matou a Lagoa Feia foram o valão da Draga, no rio Itabapoana, e outro canal drenando a Lagoa Feia. O primeiro privou a lagoa de água renovadora e o segundo, esvaziou-a”*. Ou seja, numa perspectiva comparada com tempos mais remotos, a Lagoa não possui mais as mesmas características ecossistêmicas

15 SOFFIATI, 2019: 42.

16 SOFFIATI, 2019: 43.

relatadas pelos moradores mais antigos, embora os impactos no ambiente tenham sido sentidos pelos pescadores e moradores locais mais recentemente.



Fonte: Imagem obtida do Googleearth.exe no ano de 2005. (Borges et al, 2005)
Fig.4. Imagem em época seca, **setas azuis** - rio Itabapoana retelinizado; **setas verdes** - meandros abandonados do rio após a retelinização; **setas rosas** - trecho do canal Todos os Santos, projetado para drenar a baixada de inundação; **Seta vermelha** - ponto de entrada de água do meandro abandonado que, assoreado, impossibilitou a renovação da água da lagoa. **Traçado rosa** - localização da comunidade.

Imagem 03¹⁷

Atualmente parece mais claro que as obras realizadas pelo DNOS não trouxeram tantas melhorias, pelo menos no que diz respeito ao povoado de Lagoa Feia. Com isso, os impactos no local causados pelo empreendimento das obras até hoje, quase 50 anos depois, continuam a interferir na vida das pessoas, fauna e flora da região.

ALGUNS PONTOS DE VISTA NATIVOS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NA LAGOA FEIA DO ITABAPOANA E A PESCA ARTESANAL NOS DIAS DE HOJE

Tal como relatado na introdução deste artigo, tive algumas dificuldades que impediram a realização de trabalho de campo mais intensivo, bem como para estabelecer uma interlocução mais aprofundada com os pescadores de Lagoa Feia do Itabapoana em relação aos seus pontos de vista sobre os impactos das obras do DNOS na pesca artesanal no modo em que ela se pratica nos dias de hoje. Mesmo assim, foi possível estabelecer algumas conversas com três interlocutores, em momentos diferentes, sobretudo no decorrer do semestre de 2020.2, no qual estive por duas vezes na casa de minha família na localidade. Nestas ocasiões, conversei com meu avô Paulo, que tem 84 anos, meu tio Murilo de 41 anos e também com Dona Lúcia, uma amiga da família e moradora antiga da região de 84 anos de idade. As conversas giraram em torno de como os pescam com adversidades ambientais que os impedem ou os limitam de exercer o ofício pesqueiro plenamente ou de um modo mais

¹⁷ Imagem retirada de BORGES: 2008, 20.

parecido com o que faziam décadas atrás. A ideia dessas conversas era, justamente, tentar evidenciar de que modo os moradores percebiam as mudanças ambientais e se as associavam ou não às obras do DNOS.

Para tanto, foram estabelecidas algumas perguntas-chave que serviriam de guia, como uma espécie de roteiro, para direcionar as conversas de um modo mais aproximado com os objetivos da pesquisa, sem que também, as tais questões não os impedissem de falar sobre aspectos ou casos que estivessem “fora” dos interesses da investigação. As questões foram 1) *O que era Lagoa Feia na vida deles? O eles conheciam sobre o DNOS? Quais eram as modalidades de pesca praticadas por eles? Quem construía os apetrechos de pesca (redes, armadilhas, barcos)? Qual era o destino do pescado após a captura?* Tais questões, claro, poderiam se desdobrar em outras perguntas ou mesmo serem aprofundadas, dependendo do rumo das conversas e dos interesses dos interlocutores. Cabe aqui ressaltar, no entanto, que objetivo delas era compreender a relação afetiva que os entrevistados tinham com a Lagoa, evidenciar sua relação ou conhecimento com as autarquias federais, suas relações com as práticas e instrumentos de pesca e, por fim, como se configura a circulação do pescado nas relações de troca, compra e venda.

Quando iniciadas as entrevistas foi perguntado aos entrevistados “*Como que você vê a lagoa feia, na sua vida?*” e “*O que a lagoa representa pra você?*”. A pergunta evidenciou uma resposta em comum: “*a lagoa é minha vida, minha renda, meu lugar...*” Para eles, a pesca é, para além de tudo, um modo de vida.

Murilo, por exemplo, fala que “*a Lagoa foi sempre muito boa para mim.*” Ele fala que ela [a Lagoa] sempre trouxe seu sustento e que ele nunca teve o que reclamar. Importante ressaltar que os meus interlocutores não fazem uma dissociação da vida de pesca que eles levam com na Lagoa Feia, onde moram, e em outros lugares da região eleitos para realização das atividades de captura. Muitas das vezes, se “*ali está ruim, vamos para outro lugar, mais acima, mais abaixo. Tudo é uma coisa só*”. Murilo faz parte de uma geração mais nova de pescadores e começou no ofício num período em que o DNOS já não atuava mais. Com 41 anos de idade, Murilo não conheceu a Lagoa nos tempos em que meus interlocutores mais antigos eram jovens ou no tempo de Geneci, citado no trabalho de Soffiati no item “2” deste artigo.

Ao analisar respostas de Dona Lúcia Paulo, por sua vez, fica claro que nos tempos mais remotos, que se combinavam com a década das obras do DNOS, a realidade ambiental da Lagoa era bem diferente, bem como a própria pesca artesanal praticada por eles na

juventude. A pesca era considerada mais fácil, de forma que não era preciso ir tão longe para obter variedades de peixes. Dona Lúcia, por exemplo, narra que *“a pesca na Lagoa sempre foi fonte de renda para a família, mas hoje se encontra em péssimo estado, existe uma poluição mais ativa do rio”*. Ela me informou que teve 10 filhos, todos sustentados com os ganhos da pesca. Ela também argumenta que é *“o trabalho do homem quem cria problemas para a natureza”*.

Seguindo com a entrevista pergunto sobre o DNOS. Meu avô se recorda de quando chegaram para realizar a medição e implantaram as barreiras, mudando o curso do rio Itabapoana. Ele relembra, que chegaram a ganhar uma causa na Justiça, pelo fato de haver apropriação dos recursos naturais para pasto e plantações, como a de milho, causa esta se tratando da Barragem de Sereno, mas isso anos depois das primeiras obras do DNOS.

A partir desta conversa, perguntei sobre os prejuízos à Lagoa e se eles consideravam que houve prejuízos por conta das obras do DNOS. Paulo responde: *“Muito, tudo. Antigamente, a 60 anos atrás, não produzia [...]. 60 anos pra cá, 70 anos, na proliferação de peixe que é morta, por causa das barragens que fizeram. [...] morreram, pela mão dos grandes fazendeiros”*.

Paulo relata que a atuação do DNOS acabou com o *“berçário dos peixes”*, no caso, um local adequado de desova das espécies, descrito como um grande pantanal e que atualmente é seco. Tal lugar virou *“pasto e caminhos para os grandes fazendeiros, fazendo com que toneladas de peixes morressem”*. Ironicamente, o pescador diz *“a foi boa porque enriqueceu muito fazendeiro. Para nós foi péssima, acabou, acabou, tudo o que existia de berçário de jacaré, capivara, peixe, a draga acabou. Fez fazendas. Essas fazendas que não existe documento, que era Pantanal, hoje existe dono, na minha época existia não. Era da população, era rio...”*.

A recordação daquela época em relação ao "rio" em frente à casa onde cresceu e vive até hoje vista de como um imenso pantanal onde ele me conta histórias de quando era menino, junto com seu pai, cheias de saudade e melancolia. Paulo relata que muitos dos animais e plantas, existiam nos arredores da Lagoa e que as intervenções ocorridas, foram prejudiciais para o meio ambiente. Segundo ele, *“o que foi feito no rio, foi deixar o rio reto para abrir caminho, para o pasto, pela vantagem dos grandes fazendeiros, de quererem modificar algumas regiões para seu próprio benefício”*.

Em relação às práticas de pesca, as entrevistas revelaram algumas modalidades em uso nos dias atuais e os mais velhos até estabeleceram boas comparações com as modalidades e

pescarias realizadas “antigamente” quando a Lagoa era “outra” tal como considerada por eles. A pescaria mais comum é realizada com a rede de “emalhe”, embora também realizem as capturas utilizando outras redes e outras modalidades, como a rede de “laça”. Também utilizam o anzol, numa modalidade conhecida como “carnada”, em que geralmente se coloca como isca uma rã, como forma de capturar espécies carnívoras. Para os peixes de tamanho maior, eles utilizam a rede de “laça” que normalmente possui uma malha maior que as outras. Foi relatado que normalmente a modalidade de pesca conhecida como “rede de espera” é a mais comum. Consiste, basicamente, em preparar a rede em um dia, fixá-la aberta em toda sua extensão em algum ponto da lagoa ou do rio, deixar lá até o dia seguinte, retornando para “colher” a rede. Esta modalidade é muito comum em outros rios e lagoas da região. Com ela se captura várias espécies, com a exceção do bagre que é pescado em maior quantidade e que necessita de uma rede própria. Rede para o bagre é a rede denominada de “seda”. Apesar do nome ela é uma rede feita de um material mais resistente, de forma que é mais difícil para o peixe estourar a rede e fuja.

Aprofundando um pouco mais sobre o tema dos apetrechos e materiais de pesca, nas conversas, meus interlocutores relataram que para cada peixe ou pesca existem diferentes tamanhos de rede. Perguntada sobre como as redes são produzidas, Dona Lúcia conta que sempre fez as redes do seu ex-marido há muito tempo, e que hoje ele ainda usa a mesma. “*Quando precisa, se faz os reparos*”, diz ela atestando com orgulho a durabilidade do apetrecho. Meus três interlocutores relatam que as redes de antigamente eram feitas em maioria de *nylon* e à mão, o que fez com que todos, homens e mulheres das gerações mais antigas, fossem excelentes artesãos, pois saber fazer uma rede é considerado por eles uma arte. Porém, hoje com a facilidade de encontrar uma loja de artigos de caça e pesca próxima a região, todas as redes são compradas e que, dependendo do estrago que a rede sofre durante a atividade, é “*até melhor comprar outra*”.

No bloco de questões sobre as espécies de peixes e, sobretudo, sobre a venda e circulação do pescado, foi possível identificar como as transformações nas dinâmicas ambientais, em parte, reflexos das antigas intervenções do DNOS, impactaram na pesca local, promovendo a incorporação de novas formas de vendagem, ganhos monetários e também novos atores sociais neste mercado de peixes.

Quando perguntados para quem, atualmente, se vendem os peixes capturados na região, meus interlocutores relatam que os maiores compradores são os *frigoríficos*. Quando se remetem a estes “novos compradores”, quase sempre contrastam que “*antigamente era*

realmente complicado”, pois o comum era ir de moto, de bicicleta ou até mesmo a pé, carregando o isopor após chegarem da pesca, para venderem nas localidades próximas. Relatam que *“batiam de porta em porta”* e vendiam pra algumas peixarias, mas ocorria com frequência a perda peixes, quer seja pela falta de gelo para conservação ou porque estavam acomodados em um *“jacá”*, um cesto produzido com tala de uma espécie de bambu encontrado na região. Assim, para meus interlocutores, a chegada dos frigoríficos à localidade tornou a venda *“mais fácil”*. De acordo com eles, hoje um pescador combina com o gerente de um frigorífico para fazer uma entrega de uma quantidade prefixada de pescado e encontra comprador certo sem ter que se deslocar precariamente como outrora. Murilo, por exemplo, relata *“que o frigorífico ajudou porque é melhor trabalhar no quintal de casa, numa sombra, do que na terra debaixo do sol quente”*.

A chegada dos frigoríficos, no entanto, é considerada também a partir de aspectos negativos ou controversos. Dona Lúcia, por exemplo, conta que a chegada destas empresas é bem recente na *“base de uns seis anos pra cá”*. *“Os frigoríficos trouxeram uma tranquilidade a mais para os pescadores, temos um lugar fixo para vender o peixe. A chegada dos frigoríficos também ajudou a renda das famílias em relação aos que surgiram empregos tanto dentro dos frigoríficos quanto fora”*. Dona Lúcia se refere às *filipadeiras*, que hoje em dia têm mais segurança para trabalhar e que, de acordo com ela, antigamente não trabalhavam ou tinham ocupações mais árduas. As *filipadeiras* são, em sua maioria, mulheres ou jovens meninas que trabalham limpando o pescado e produzindo filés de peixes para os frigoríficos.

Se por um lado, os frigoríficos trouxeram a possibilidade de empregar pessoas da localidade, sobretudo as mulheres, que antes não tinham essa possibilidade, por outro, há um consenso por parte dos pescadores de que os valores pagos pelos frigoríficos na compra do pescado são baixos se comparados com a venda direta ao consumidor, ou até mesmo quando comparados aos praticados pelos *atravessadores*. Além disso, de acordo com os relatos, todos frigoríficos instalados na região agem como um cartel, estabelecendo um valor fixo para as espécies e produtos, fazendo com que os pescadores não tenham margem para negociação dos valores.

Murilo explica que a compra do pescado por valores tão abaixo do praticado em outros lugares é muito vantajoso para os frigoríficos. Paulo reforça de modo contundente: *“Sete reais a caixa [de peixe] que eles vendem lá fora por duzentos e setenta e três, ou seja, é vantajoso para frigorífico porque eles possuem uma mão de obra barata, os gastos são baixos e ainda há ‘jeitos’ de recuperarem o valor gasto com as filipadeiras”*.

Este lado considerado “ruim” sobre a presença dos frigoríficos revela, em partes, os dilemas e problemas da pesca artesanal da região da Lagoa Feia. O caso relatado por Murilo, para explicar esta nova dinâmica – o ambiente, as espécies, a pesca e a venda – parece ilustrar o drama vivido pelos locais.

O bagre é o peixe que tem maior saída. É o mais comprado pelos frigoríficos. O bagre é um peixe carnívoro que vem a muito tempo causando perdas ao meio ambiente e aos pescadores, pois se alimentam de espécies daqui [...] se não tiver comida, até o filho deles eles comem... O bagre tem um valor baixíssimo de venda no mercado. O que favorece os frigoríficos pois compram barato e deixam os pescadores sem uma opção de negociar um valor mais alto pelos quilos capturado.

Para que o leitor tenha uma ideia da rentabilidade, o valor pago pelos frigoríficos pelo quilo do bagre não passa de R\$2,00. Ou seja, para os pescadores obterem um bom faturamento com a pesca precisam, necessariamente, pescar muitos peixes dessa espécie. Complementando a informação, Murilo continua: *“Há pescas em que ficamos alguns dias com o peixe preso, na água, para poder somar a quantidade maior, e aí sim poder levar para o frigorífico...”* Nesta operação, os pescadores usam o “sacador” – um tipo de sacola de seda em formato cônico que fica submersa na água – para manter o peixe capturado vivo por dois ou três dias, até que considerem que já tenham reunido uma boa quantidade de pescado que valha a pena para venda no frigorífico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo é parte de um esforço de pesquisa coletiva sobre a pesca artesanal lacustre ou de “beira de praia”, produzido numa perspectiva antropológica, no âmbito do Núcleo de Estudos Antropológicos do Norte Fluminense Luiz de Castro Faria, o NEANF/UFF, sediado no Instituto de Ciências Sociais e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes. O texto apresentado neste formato é, também, um Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Ciências Sociais.

Por estas razões, tentou-se na primeira parte deste artigo, descrever a trajetória da pesquisadora, sobretudo desde seu ingresso no NEANF e sua aproximação com a temática da pesca artesanal, bem como enfatizar a socialização profissional e acadêmica a qual a mesma foi submetida, em sua formação no bacharelado, desde a frequência sistemática nas reuniões e atividades do Núcleo, em sua presença em importantes eventos acadêmicos e, através da

participação em editais de financiamento de pesquisas, o que, neste caso, possibilitou a aquisição de uma Bolsa de Iniciação Científica (CNPq/PIBIC/UFF) que viabilizou o trabalho de campo realizado, sobretudo, no último semestre de formação. Além disso, o texto também evidenciou as dificuldades, de diversas ordens, enfrentadas pela pesquisadora para realização do trabalho de campo e como isso se refletiu em algumas limitações e inconsistências de dados que podem, com algum esforço, serem trabalhados de um modo mais cuidadoso nos desdobramentos que a pesquisa pode tomar.

A segunda parte do artigo apresenta uma conhecida análise sobre o Departamento Nacional de Obras e Saneamento, sobretudo os objetivos e interesses subjacentes às suas obras de “correção da natureza” que encontraram na região alagadiça das baixadas do norte fluminense um “terreno fértil” para suas realizações. Neste sentido, as referências utilizadas, conforme o artigo tentou expor, já chamavam a atenção para os impactos profundos no ecossistema que tais intervenções, mesmo datadas há mais de 60 anos, poderiam provocar.

Na terceira e última parte, o texto expõe de modo simples, porém original e atual, a partir de um bloco que questões, como alguns pescadores e moradores de diferentes gerações da localidade de Lagoa Feia do Itabapoana perceberam as mudanças no ecossistema da região, na pesca artesanal e, claro, no modo de vida da localidade. Suas falas apresentam com clareza o modo como tais intervenções, que tinham como principal objetivo, a retificação e secagem da margem direita do Rio Itabapoana na sua passagem pela região estudada – daí as implicações da construção do Canal de Todos os Santos – transformaram uma região já foi descrita como um “pantanal”, devido às suas características hidrológicas e sazonais, bem como por sua biodiversidade, em uma grande extensão de terra árida com poucos charcos e alagados onde, como mostram os dados aqui apresentados, uma pequena localidade resiste, pescando espécies desvalorizadas no mercado mais amplo e tendo de lidar com novos agentes sociais que se incorporaram às dinâmicas de compra, venda e circulação do pescado.

REFERÊNCIAS

BORGES, Eponine Wagner Barros. **Lagoa feia do Itabapoana: Identificação das alternativas de intervenção em um trecho do baixo curso do rio itabapoana (RJ e ES) e análise do seu potencial conflitivo.** [Dissertação]. Programa de pós-graduação em Engenharia Ambiental. CEFET - Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 2008.

CLIFFORD, James & MARCUS, George. **A Escrita da Cultura: Poética e Política da Etnografia**. Rio de Janeiro: Eduerj/Papeis Selvagens, 2016.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir. O Trabalho do Antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2000.

COLAÇO, José (Org). **Pesca Artesanal no Norte Fluminense: estudos de caso sobre meio ambiente, conflito e resistência de um modo de vida**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

_____. **Quanto custa ser pescador artesanal?** Etnografia, relato e comparação entre dois povoados pesqueiros no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

FERREIRA, Leila da Costa. **A Questão Ambiental na América Latina: teoria social e interdisciplinaridade**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011.

FUNDO VERDE. **O que é Renaturalização?** (2020) Disponível em: <<http://fundoverde.ufrj.br/index.php/pt/noticias.html?start=15>>. Acesso em: 12 out. 2020.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas. O Antropólogo como Autor**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MELLO, Marco Antonio da Silva & VOGEL, Arno. **Gente das Areias: História, meio ambiente e sociedade no litoral brasileiro**. Niterói: Eduff, 2017.

SOFFIATI NETTO, A. A. A agonia das lagoas do norte fluminense. *Ciência e Cultura*, 37 (10). Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, outubro de 1985.

SOFFIATI, Aristides. **As Lagoas do Norte Fluminense: contribuição à história de uma luta**. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2013.

_____. Lagoa Feia do Itabapoana e Conflitos Sociais. ACSELRAD, Henri (ORG). **Conflito Social e Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FASE, 2004.

_____. Revisitando os Movimentos de Pescadores da Região Norte Fluminense do estado do Rio de Janeiro. In: COLAÇO, José (ORG). **Pesca Artesanal no Norte Fluminense: estudos de caso sobre meio ambiente, conflito e resistência de um modo de vida**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

VALPASSOS, Carlos Abraão Moura; COLAÇO, José. Diferentes percepções da natureza: As intervenções politécnicas, a fiscalização ambiental e os pescadores artesanais na Lagoa Feia. *Revista Antropológicas*, ano 10, volume 17(2): 95-116, 2006.

VALPASSOS, Carlos & VOGEL, Arno. **A revolução dos pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos: Um drama social às margens da Lagoa Feia no Rio de Janeiro.** Revista Ava, v. 26, p. 83-106, 2015.